Crescendo em Cristo

C. J. Jacinto

Crescendo em Cristo

C. J. Jacinto

Índice dos Estudos Bíblicos:

A Vida Espiritual do Homem Regenerado

Da Liberdade Cristã e a Graça de Deus

Tema Central do Novo Testamento: O Reino de Deus e a Glória de Deus

A Cristologia da Epístola aos Hebreus: Entre a História e a Eternidade

Lugares Celestiais em Cristo e Lugares Celestiais Sem Cristo

Da Liberdade Cristã e a Graça de Deus

Em João, capítulo 8, versículo 36, Jesus proferiu a seguinte declaração: "Se o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres." Esta é uma promessa de grande valor. Cristo prometeu a libertação. Em Mateus, capítulo 11, versículo 28, lemos: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso." Jesus afirma que seu jugo é suave e seu fardo é leve. A experiência da vida espiritual, alcançada por meio do novo nascimento e da regeneração, não nos submete a uma religião opressora ou a um legalismo rigoroso, mas nos conduz à liberdade em Cristo.

Esta declaração de Jesus ressoa com a exortação de Paulo aos Gálatas. Os gálatas estavam em perigo de abandonar a graça em favor de uma religião carnal, sujeitando-se à opressão das leis do Antigo Testamento. Paulo, então, adverte em Gálatas, capítulo 5, versículo 1: "Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou."

A experiência do cristão que verdadeiramente experimentou o novo nascimento corresponde àquela descrita em Tiago 1:25, onde se menciona a lei da liberdade perfeita. Isso implica que o cristão desfruta de uma genuína liberdade.

É crucial compreender que, ao apresentar a liberdade, o Evangelho, por meio de Cristo, oferece a libertação, essencialmente, do domínio do pecado e da religiosidade baseada em rituais vazios. Frequentemente, indivíduos que se autodenominam cristãos encontram-se oprimidos por doutrinas humanas, defendendo ideias e práticas não fundamentadas na Palavra de Deus, que não foram ensinadas por Cristo e que não se alinham à graça da nova aliança.

Diante disso, é imperativo valorizar profundamente essa liberdade, pois Jesus prometeu libertar-nos. Essa libertação constitui uma lei perfeita, que nos permite usufruir das realidades espirituais e eternas inerentes ao Evangelho.

A entrega ao Evangelho é um ato voluntário que traz consigo a leveza e a libertação. Libertos da condenação do pecado, do fardo da culpa, das incertezas e inseguranças que a vida por vezes impõe, encontramos a liberdade plena, pois fomos redimidos por Jesus.

O conceito bíblico de redenção, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, remete à compra de escravos no mercado, libertando-os mediante um pagamento. Esses, antes cativos, passavam a desfrutar da liberdade.

De modo análogo, em Cristo e pela graça, através da obra perfeita e consumada de Jesus na Cruz do Calvário, encontramos a liberdade completa, da qual desfrutamos diariamente. A fé em Cristo, manifestada em uma justificação que não depende de obras, é o caminho a ser seguido.

Portanto, não nos devemos apoiar em nossas próprias capacidades nem macular o sacrifício de Jesus, misturando nossos esforços com o sangue precioso, puro e imaculado de Cristo, que foi o preço pago por nossa redenção. Nossa salvação foi integralmente garantida por Jesus, e em nada podemos contribuir para a obra consumada na cruz. Jesus morreu por nossos pecados, e a salvação não é alcançada por meio de nossas ações.

Analisamos a condição humana de perdição, cativa do pecado e, consequentemente, sujeita à influência e possível domínio de entidades espirituais malignas.

Paulo, na Epístola aos Efésios, capítulo 2, declara: "Ele vos vivificou, estando vós mortos em vossos delitos e pecados, nos quais outrora andastes, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência, entre os quais também todos nós, outrora, vivíamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais. Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos vivificou com Cristo (pela graça sois salvos)." Que mensagem inspiradora!

Consideremos a afirmação de Paulo sobre o passado, quando vivíamos "segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar". Essa é a condição daqueles que ainda não experimentaram a redenção.

Entretanto, em 1 João, capítulo 5, versículo 18, encontramos a seguinte declaração: "Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado; antes, Aquele que nasceu de Deus o guarda, e o Maligno não lhe toca." Aquele que é regenerado por Deus não permanece sob a influência dos espíritos das trevas, dos príncipes da potestade do ar. Ele foi liberto. É essa libertação que a Palavra de Deus, o Evangelho, nos oferece.

Libertos do pecado, agora obedecemos a Deus, depositando nossa fé completa na obra redentora de Cristo na cruz do Calvário. Ali, Jesus entregou Sua vida, pagando o preço pelos nossos pecados, cumprindo a justiça divina em nosso lugar. Através do sacrifício de Jesus, fomos resgatados, libertos, não para confiarmos em nossas próprias ações, como se a salvação dependesse de méritos pessoais ou da observância rigorosa de dogmas e rituais religiosos. O Evangelho nos convida a confiar unicamente em Cristo, pois a salvação é concedida por meio da fé, e não pelas obras. A crença de que a salvação pode ser perdida por falhas ou omissões é uma deturpação da verdade, uma volta à escravidão, semelhante à situação dos gálatas que se desviavam da graça. O verdadeiro Evangelho liberta da necessidade de alcançar a salvação através de esforços próprios, rompendo com a

religião da carne e conduzindo à vida em Cristo. Ao instruir-nos sobre a liberdade, o Evangelho nos remete à liberdade dos filhos de Deus. Observa-se, em nossos dias, considerável confusão sobre este tema, decorrente da falta de compreensão. A liberdade que Cristo nos oferece, que o Evangelho nos propicia, não é uma licença para o pecado, mas sim, a libertação do pecado. Não se trata de uma liberdade para agir segundo a própria vontade, pois esta já era a condição anterior à libertação, quando o indivíduo era escravo do ego e das inclinações mundanas. Antes, o homem é liberto para cumprir a vontade divina, para seguir os preceitos do Senhor, para viver na graça de Deus, dedicando-se, acima de tudo, ao serviço do Senhor em fé e mansidão, reverenciando-O em temor e santidade. Contudo, essa liberdade não se confunde com uma religião rigorosa, que impõe pesados fardos sobre a vida do indivíduo, gerando opressão espiritual, tão penosa quanto aquela que existia anteriormente na vida de incredulidade.

É importante ressaltar que a afirmação de que não devemos viver em libertinagem não implica, de forma alguma, em permissividade. A graça de Deus, revelada no Evangelho, não nos conduz a esse comportamento. O Evangelho não nos direciona ao antinomianismo, mas nos capacita a viver uma nova natureza em Cristo, sob a orientação e o poder do Espírito Santo, de modo que possamos viver em obediência e reverência a Deus, conforme compreendemos pela leitura e estudo da Palavra.

Em 1 João, capítulo 5, versículo 3, o apóstolo João, que desfrutou de íntima comunhão com o Senhor e experimentou as glórias do Evangelho de Jesus Cristo, declara: "Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos. E os seus mandamentos não são pesados". Essa declaração provém de alguém que vivenciou a graça de Deus, o poder do Evangelho, a misericórdia de Cristo e a regeneração, alcançando a plenitude da vida cristã.

A declaração de João evidencia que o cristianismo não impõe regras onerosas, que cerceiam a liberdade. Ao contrário, somos

libertos para viver o Evangelho e confiar no Senhor, princípios dos quais não podemos abrir mão.

Há um trecho fundamental, um capítulo inteiro em 1 João 3, que aborda as características dos filhos de Deus. Estes foram libertados para praticar a justiça, libertos para não mais viver na prática do pecado, mas para viver em obediência. É importante ressaltar que não devemos comparar o pecado com outras práticas, pois ambos produzem consequências severas para a humanidade. A religião que enfatiza as obras, focada no que o homem deve fazer para alcançar a salvação, impõe fardos pesados. Se o indivíduo não cumprir as regras e preceitos estabelecidos, não será salvo, pois a ênfase recai sobre o que se deve evitar. Essa abordagem condiciona a salvação a um conjunto de normas.

Em contraste, a religião de Cristo, o Evangelho, aponta para o que Cristo fez por nós. Vivemos a vida no Evangelho e em obediência, não por esforço próprio, mas por causa da nossa nova natureza em Cristo. Essa natureza nos impulsiona à obediência por amor, conscientes de que o pecado traz maldição e a vontade de Deus nos abençoa. Somos conscientes de que o pecado acarreta consequências devastadoras, enquanto a obediência nos conduz à proteção.

Essa distinção é crucial, pois o homem regenerado possui discernimento bíblico a respeito dessas questões. Ele vive dependendo da graça e da misericórdia de Deus, e sua confiança na salvação reside no que Cristo fez por ele, e não em suas próprias ações.

Portanto, é imprescindível considerarmos a lei perfeita da liberdade, pois ela proporciona um profundo deleite espiritual ao vivermos em consonância com a graça divina. Somos salvos pela graça, e não por nossos méritos ou deméritos. É fundamental compreender esta doutrina bíblica, que nos conduz ao verdadeiro Evangelho. A salvação não é conquistada, mas concedida pela misericórdia de Deus, que nos alcança. Confiamos integralmente

no que Jesus Cristo realizou por nós no Calvário, onde Ele se entregou como cordeiro. Ali, a ira de Deus, que deveria recair sobre nós, foi direcionada a Jesus, cumprindo-se a justiça divina por meio da expiação realizada na cruz. Somos salvos pela obra de Cristo na cruz, e não pela observância de preceitos ou doutrinas humanas. A salvação é unicamente pela graça de Deus, mediante a fé inabalável em Jesus. Este é o significado da justificação pela fé: somos salvos pela obra perfeita e consumada de Cristo na cruz do Calvário. A salvação não depende de nossos esforços ou obras; a única condição é oferecermos nossa fé e confiança naquilo que Deus, em Cristo, realizou por nós na cruz.

A VIDA ESPIRITUAL DO HOMEM REGENERADO

Em Tiago, capítulo 2, versículo 26, encontramos a verdade fundamental de que "O corpo sem o espírito está morto." De fato, é sabido que fomos criados de tal maneira que o espírito interage intrinsecamente com o corpo, capacitando-o a experimentar e a relacionar-se com o mundo físico. Tal é a concepção divina. Considere-se, por exemplo, nossos olhos, que captam e transmitem os estímulos visuais — imagens, luz e cores — ao cérebro. Este, por sua vez, decodifica esses sinais, permitindo a compreensão das realidades físicas. O ser humano, em sua constituição corpórea, vivencia a interação com o mundo exterior precisamente em virtude do espírito que o habita. Afinal, a audição, o olfato, o tato, o paladar e a visão são experiências sensoriais que só se manifestam em seu contexto a experiência do mundo físico pelo corpo enquanto o espírito reside no nele. Caso o espírito se separe do corpo, as funções vitais, incluindo as cerebrais e as dos órgãos dos sentidos, cessam. Evidencia-se, assim, que essas capacidades perceptivas e a própria virtude

existencial também de alguma forma são atributos inerentes ao espírito, e não meramente ao corpo.(Lucas 16:19 a 31)

À luz do contexto geral das Escrituras, compreendemos que o ser humano foi criado em um universo com o qual estabelece uma interação recíproca. Nesse diapasão, entendemos que o homem é dotado da capacidade de perscrutar os astros, decifrar a mecânica celeste e as estruturas cósmicas, bem como de imergir no universo atômico, desvendando seus enigmas e complexos sistemas de funcionamento. Essa aptidão inerente advém do fato de o homem ter sido concebido para interagir com a criação, e a criação, por sua vez, para interagir com ele.

Contudo, percebemos que a Queda alterou profundamente essa percepção, tornando nossa compreensão atual consideravelmente deficiente. Adão, era detentor de uma acuidade perceptiva profunda sobre todas as coisas, difere substancialmente do ser humano contemporâneo debaixo das conseqüências da queda. A Queda e o pecado corromperam as estruturas de nosso conhecimento e de nossas capacidades, resultando em uma acentuada dificuldade para apreender a totalidade das coisas, em notável contraste com a clareza que o homem desfrutava antes de ser afetado por tal evento.

Desejo apresentar dois exemplos de percepções equivocadas ou de dificuldades na compreensão de verdades profundas e essenciais. Inicialmente, a Queda incutiu na humanidade, de certa forma, a inclinação ao ateísmo, levando-a a questionar veementemente a existência de um Criador.

Adicionalmente, uma segunda dificuldade de percepção reside na completa perda, pós-Queda, da capacidade humana de discernimento no âmbito espiritual, resultando na sua inaptidão intrínseca para distinguir, por si só, entre um espírito das trevas e um espírito de luz. Esclareço que a menção a "espíritos das trevas" e "espíritos de luz" não possui, neste contexto, conotação esotérica. Utilizo tais termos para designar os espíritos que estão em Deus, conforme delineado em 1 João 4:1-6, na admoestação acerca da prova dos espíritos — estes representam os anjos do Senhor —, em contraste com os espíritos malignos e demônios, também apresentados nas Escrituras. (Efesios 6:10 a 18) ou seja,

o mundo espiritual caído e o mundo espiritual preservado da queda.

Consequentemente, o homem comum, isto é, o homem natural, carece da faculdade de discernir tais realidades. Embora reconheça a existência de um plano espiritual, ele ignora a identidade dos agentes atuantes e não tem uma capacidade intrínseca natural a isso. Esta condição configura uma cegueira espiritual que o predispõe tanto ao engano quanto à propagação de equívocos. É por essa razão que a evocação e invocação de espíritos são práticas expressamente vedadas nas Escrituras.

Contrariamente, a condição primordial de Adão distinguia-se. Ele detinha a inabalável convicção da existência divina e uma profunda percepção de comunhão com seu Criador, a qual não foi totalmente obliterada após a Queda. Tal persistência é observável nos capítulos posteriores a Gênesis 3, onde emergiu um remanescente que invocava o nome do Senhor. No âmago do ser humano, remanesceu um impulso intrínseco,(induzido pelo Espirito Santo) um princípio fundamental que instiga à necessidade de cultuar e reverenciar uma divindade. Essa inclinação manifestou-se entre poucos, como Enos, descendente da linhagem de Sete, por intermédio de quem se iniciou a invocação do nome do Senhor. Essa era a compreensão singular de alguns poucos a respeito de um Deus Altíssimo, de uma Suprema Majestade. A vasta maioria da civilização daquela epoca, em contrapartida, sucumbiu à idolatria e ao politeísmo. Conforme a história humana atesta de forma inequívoca, o homem é, por sua essência, um ser intrinsecamente religioso. Esta peculiaridade é exclusivamente humana, sendo inerente apenas a ele dentre todas as criaturas terrestres.

Após a Queda, não houve senão a morte. Esta, acima de tudo, detém um significado profundo e, para alguns, até mesmo complexo. No entanto, as Escrituras a elucidam com clareza, apresentando-lhe duas acepções principais. A primeira denota a separação entre o homem e Deus. A segunda, por sua vez, consiste na separação entre o espírito e o corpo.

Entendemos, portanto, que a Queda ocasionou a ruptura da comunhão íntima com Deus. Consequentemente, a regeneração

restaura essa intimidade rompida. Como isso se processa? Quando o cristão se converte ao Senhor e vivencia a genuína experiência da regeneração, o Espírito Santo passa a residir permanentemente na vida do novo nascido.

Ao lermos a Epístola aos Efésios, no capítulo 2, versículos 1 e 6, compreendemos a condição de morte espiritual do homem, que jazia em suas transgressões e pecados. É fundamental recordar que a encarnação do Verbo, quando Jesus se fez homem, implicou em seu esvaziamento, assumindo a forma de servo para morrer na cruz do Calvário, a fim de realizar a redenção eterna. Essa obra foi efetuada pelo poder e influência do Espírito Santo. Em João, capítulo 14, versículo 16, Jesus prometeu a vinda do Espírito Santo, que permaneceria para sempre com os crentes. A regeneração espiritual é o ponto de partida para essa promessa. A morte de Cristo, sua ressurreição, ascensão e entronização à direita de Deus foram seguidas pela vinda do Espírito Santo. Essa sequência estava nos planos divinos: a descida do Espírito Santo para habitar nos salvos aconteceria após a morte de Cristo pelos nossos pecados, sua ressurreição para nossa justificação e sua ascensão para ser nosso mediador à direita de Deus. Na antiga aliança, a presença divina parece ser algo extrínseco sob a cobertura de um grosso véu e um acesso restrito, embora em certos momentos, a Presença Divina se Deu de forma pessoal como ocorreu na chamada de Abraão ou nas manifestações da sarça ardente e posteriormente no Sinai.

Ao falecer, o indivíduo regenerado experimenta a separação do corpo e do espírito. Contudo, conforme a promessa de Jesus em João 14:16, o Espírito Santo permanece conosco para sempre. Entende-se, portanto, que o espírito do salvo, embora separado do corpo, pertence a Deus. O Espírito Santo, então, toma posse do espírito do crente e o conduz à presença divina, estabelecendo uma interação íntima. Como o apóstolo Paulo escreveu, o Espírito Santo testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. (Romanos 8:16)

Assim, o regenerado é propriedade de Deus, adquirido através da redenção realizada na cruz do Calvário. O preço pago foi o sangue imaculado de Jesus, garantindo ao Espírito Santo a total

posse do espírito humano. Por isso somos chamados de templo do Espírito Santo. O Espírito Santo não apenas habita e salva, mas também possui o nosso espírito, de modo que, no momento da morte, o espírito, separado do corpo, permanece sob o domínio e a posse do Espírito Santo, sendo conduzido à presença do Senhor até o dia da ressurreição.

A Redenção, portanto, engloba a restauração da comunhão e, posteriormente, com a glorificação do corpo, a restauração integral do ser conforme a vontade divina original para o homem. Adicionalmente, implica uma nova expectativa: o homem regenerado e ressuscitado terá a semelhança do Filho de Deus. Devemos, pois, considerar 2 Coríntios, capítulo 5, versículo 17, onde Paulo declara que "se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo". Ao afirmar que tudo se fez novo, Paulo indica que a principal característica do homem regenerado reside em sua renovação mental, em novos anseios e desejos. O desejo primordial é servir a Deus, seguir a Cristo e obedecer a Seus preceitos, encontrando deleite nas coisas espirituais. O homem regenerado não é um homem natural, mas sim um homem espiritual. Sua espiritualidade provém do fato de não estar mais morto em ofensas e pecados, mas vivificado em Cristo Jesus pelo poder e pela obra do Espírito Santo, que nele habita e opera.

O homem espiritual não está separado do Divino Espirito Santo, mas está unido a Ele, de modo que essa é uma restauração de comunhão divina, a resolução do problema da morte espiritual, a garantia da ressurreição com um corpo glorificado e por fim a vida eterna.

A pergunta pertinente é essa: Você já creu em Cristo como seu salvador para passar pela experiência da regeneração?

Tema Central do Novo Testamento: O Reino de Deus e a Glória de Deus

Baseado na apresentação do Dr. Rick Griffith (Jordan Evangelical Theological Seminary)

Introdução: O que o Novo Testamento realmente ensina?

O Novo Testamento (NT) não é apenas uma coleção de histórias ou ensinamentos morais. Ele tem um **tema central** que aparece do início ao fim: **o Reino de Deus**. Esse tema está ligado a um propósito ainda maior: **celebrar e demonstrar a glória de Deus**.

---

1. Jesus e o Reino de Deus (Mateus 4:17, 23)

"Jesus começou a pregar e a dizer: 'Arrependam-se, pois o reino dos céus está próximo…' Jesus percorria toda a Galileia, ensinando nas sinagogas e pregando o evangelho do reino."

Ensino:

O ministério de Jesus **começa** com uma mensagem clara: **o Reino de Deus chegou**. Isso não é apenas uma promessa futura — é uma **realidade presente** que exige **arrependimento** e **decisão**. Jesus não apenas ensina sobre o Reino; Ele **vive o Reino**, curando, ensinando e confrontando sistemas de poder.

---

2. A Prioridade do Reino (Mateus 6:33)

"Busquem primeiro o Seu Reino e a Sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas."

Ensino:

Jesus nos ensina a **reorganizar nossas prioridades**. O Reino não é apenas um tema teológico — é uma **forma de vida**. Quando buscamos **o Reino e sua justiça**, estamos dizendo: *"Deus é Rei, e eu vivo sob o Seu governo."* Isso redefine segurança, sucesso e propósito.

---

3. Transferidos para o Reino (Colossenses 1:13)
"Ele nos resgatou do domínio das trevas e nos transferiu para o Reino do Seu Filho amado."

Ensino:
Aqui, Paulo nos lembra que o Reino não é apenas um **lugar futuro**, mas uma **realidade espiritual atual**. Quando cremos em Cristo, somos **transferidos** — mudamos de reino. Deixamos o domínio do mal e entramos no domínio de Jesus. Isso tem **implicações éticas, espirituais e missionárias**.

---

4. Os Dois Temas Maiores de Toda a Bíblia
Segundo o Dr. Griffith, toda a Escritura gira em torno de **dois grandes temas**:

1. **Celebrar e demonstrar a glória de Deus**
2. **Nos levar ao Reino de Deus**

Ensino:
Esses dois temas **não se separam**. A glória de Deus é **revelada** quando o Seu Reino é **anunciado e vivido**. O Reino não é apenas poder ou justiça — é **a manifestação da glória de Deus na terra**.

Conclusão: O que isso muda na minha vida?

- **O Reino não é apenas um tema bíblico — é uma realidade que redefine quem eu sou e como vivo.**
- **Jesus é o centro do Reino, e o Reino é o centro da mensagem de Jesus.**
- **Viver o Reino é glorificar a Deus — e glorificar a Deus é viver o Reino.**

A Cristologia da Epístola aos Hebreus: Entre a História e a Eternidade

A Epístola aos Hebreus ocupa um lugar singular no Novo Testamento. Ao contrário de Paulo, seu autor não se prende à Lei ou à ira divina como eixos centrais de sua teologia. Isso o leva a uma visão distinta da humanidade de Jesus — não como um obstáculo a ser superado, mas como algo plenamente assumido, com profundas implicações espirituais.

Jesus: plenamente humano, plenamente sem pecado

Hebreus não apresenta a natureza sem pecado de Jesus como um dado prévio, uma espécie de "super poder" messiânico. Ao contrário, destaca que ele ***precisou aprender*** a obediência por meio do sofrimento (Hb 5.8). Essa ideia é ousada: o Filho, em sua humanidade, foi *aperfeiçoado* pela experiência, como alguém que amadurece na fé e na resistência moral.

Essa abordagem é quase única no cânon cristão primitivo. Não se trata de uma mera dedução teológica, mas de uma reflexão profunda sobre a vida histórica de Jesus — sua oração, sua resistência à tentação, sua fidelidade até a morte. A epístola não parte de uma ideia abstrata de "Filho divino" para encaixar Jesus nela; parte da experiência vivida por ele para compreender quem ele é.

O que significa ser "Filho" em Hebreus

A categoria de "Filho de Deus" é central, mas não é usada no sentido metafísico posterior (como em Niceia). Em Hebreus, "Filho" é antes de tudo uma afirmação de autoridade e identidade eterna, mas ligada à missão terrena. A preexistência é assumida, mas não explicada. O autor não se pergunta *como* o Filho veio ao mundo, mas *por que* veio: para sofrer, morrer e, por meio disso, tornar-se sumo sacerdote e mediador definitivo.

Sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque

Uma das inovações mais marcantes da epístola é apresentar Jesus não como rei vencedor, mas como **sacerdote eterno**, segundo a ordem de Melquisedeque. Essa figura misteriosa do Antigo Testamento (Gn 14) é usada para mostrar que há um sacerdócio superior ao levítico — um sacerdócio que não depende de genealogia, nem de sacrifícios repetidos, mas que é permanente, baseado em uma vida indestrutível.

Melquisedeque é "sem pai, sem mãe, sem genealogia" — ou seja, eterno. Jesus, como ele, é sacerdote e rei ao mesmo tempo. Mas, ao contrário de Melquisedeque, Jesus **sofreu.** E é justamente nesse sofrimento que sua identidade sacerdotal é plenamente revelada: ele entra no santuário celestial não com sangue de animais, mas com seu próprio sangue, oferecendo-se por humanidade.

Pioneiro da fé, não apenas sacerdote

Hebreus não se contenta com a imagem de Jesus como sacerdote. Quando quer mostrar o que ele significa para a vida dos crentes, usa outra imagem: **o pioneiro (archegós) da fé**. Jesus não apenas representa os fiéis diante de Deus — ele **os leva consigo**. Ele é o primeiro a atravessar o sofrimento e entrar na glória, abrindo caminho para que outros o sigam.

Portanto, a epístola convida os leitores a "correr a carreira", "fixando os olhos em Jesus", que é ao mesmo tempo o modelo e o caminho. Aqui, a cristologia se funde com a ética: Jesus não é apenas o que foi feito por nós, mas o que **faz em nós**, ao nos atrair para uma vida de fé perseverante.

Cristo e a criação: o redentor é também o criador

Em um movimento teológico ousado, Hebreus afirma que o mesmo Jesus que sofreu e morreu por humanidade também é aquele **por quem o universo foi criado.** Isso não vem de especulações filosóficas, mas da convicção de que quem redime é também quem cria. A lógica é religiosa: se Deus está salvando o mundo por meio de Jesus, então Jesus deve estar ligado à origem desse mesmo mundo.

Essa ideia, embora não desenvolvida em detalhes, prepara o terreno para as cristologias posteriores, como as do Evangelho de João e dos credos nicenos.

Limites da categoria sacerdotal

Apesar de tudo, o autor de Hebreus parece saber que a imagem de Jesus como sumo sacerdote **não é suficiente**. Ela não abrange sua função escatológica (ligada ao fim dos tempos), nem sua dimensão ética (como modelo de vida). Quando fala do juízo, da volta de Cristo ou da vida futura, ele quase abandona a linguagem sacerdotal. Quando exorta os fiéis à perseverança, prefere falar de Jesus como **pioneiro**, não como sacerdote.

Isso mostra que a epístola não está presa a uma única metáfora. Ela é uma **teologia em construção**, que tenta articular a experiência histórica de Jesus com a fé da comunidade que o proclama como Senhor.

Conclusão: a realidade última é Cristo

Hebreus nos convida a ver além das sombras. Atrás das tribulações, das tentações, das fraquezas humanas, há uma **realidade definitiva**: um Cristo que vive, intercede, compreende e conduz. Ele não é apenas um símbolo, nem uma ideia abstrata — é **a verdade das coisas**, o "fim último" da fé cristã.

Essa cristologia, nascida da meditação, da oração e da perseguição, ainda fala hoje. Ela nos lembra que o Cristo que adoramos não está distante — ele **sofreu como nós, venceu por nós,** e **vive em nós.**

Lugares Celestiais em Cristo e Lugares Celestiais Sem Cristo

Efesios 1:13 e 6:12

A Epístola de Paulo aos Efésios revela uma profundidade notável, repleta de tesouros espirituais que enriquecem a nossa jornada de fé. No capítulo 1, versículo 3, Paulo aborda a temática dos lugares celestiais em Cristo. Posteriormente, no capítulo 6, versículo 12, a epístola descreve a existência de principados e potestades, as forças espirituais da maldade que atuam nos lugares celestiais. Assim, a Epístola aos Efésios, ao mesmo tempo em que nos apresenta os lugares celestiais em Cristo (Efésios 1:3), também expõe a realidade dos lugares espirituais que estão destituídos da presença de Cristo. Desejo, então, aprofundar a discussão sobre essa dualidade, a fim de proporcionar uma compreensão mais clara do seu significado e das implicações para a vida cristã, a respeito dos lugares celestiais em Cristo e daqueles que estão à parte Dele.

A expressão "lugares celestiais em Cristo" refere-se ao domínio completo de Cristo, sob sua autoridade e reinado, o lugar de sua preeminência e influência santificadora. É nesse contexto que somos abençoados com todas as bênçãos espirituais. Nos "lugares celestiais em Cristo", encontramos a nossa bênção, o nosso auxílio e desfrutamos da graça, estabelecendo nossa posição. Cristo, no céu, nos representa, de modo que nossos pecados foram expiados por Ele na cruz do Calvário e, agora, com Jesus assentado nos lugares celestiais, a nossa justiça, nossa esperança, salvação, justificação glorificação estão totalmente Nele.

Portanto, apresento aqui uma perspectiva espiritual. Na cruz do Calvário, Cristo Se identificou com cada pecador que seria redimido. Da mesma forma, agora cada redimido deve

identificar-se com Cristo nos lugares celestiais. Estabelece-se, assim, uma dinâmica de reciprocidade entre nós e Cristo. Tanto na cruz, quando Jesus tomou sobre Si os nossos pecados, quanto agora, quando Ele é o nosso representante, mediador e sumo sacerdote, permanecendo também nosso profeta, encontramos segurança nessa posição em Cristo nos lugares celestiais. Somos redimidos, comprados, propriedade exclusiva do Senhor, e devemos sempre contemplar o Cristo entronizado, o qual, acima de tudo, venceu a morte, o inferno, o diabo e todo o reino demoníaco. Ele triunfou e está agora entronizado no céu, desfrutando desse grande triunfo. Nós, como filhos de Deus, comprados e redimidos pelo sangue de Jesus, também podemos desfrutar da vitória que Cristo conquistou por nós através de Sua obra consumada e perfeita na cruz do Calvário.

Neste ambiente de elevada espiritualidade, onde a atmosfera é santa, magnífica, pura e gloriosa, nosso coração e mente devem se concentrar, contemplando a dimensão espiritual e celestial acessível somente aos redimidos. A Palavra de Deus nos revela claramente sobre este lugar celestial em Cristo. Essa expressão "em Cristo" denota uma distinção. A percepção espiritual dessa diferença e o desfrute dos lugares celestiais são experiências reservadas aos verdadeiros cristãos. Desconheço se o prezado irmão já foi abençoado com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais, mas essa é a realidade. Essa é a realidade que deve ser desfrutada cotidianamente por aqueles que foram salvos. Se você realmente nasceu de novo, se é um regenerado, essa é a sua posição, deve ter percepção permanente sobre essa realidade apresentada por Paulo na Carta aos Efésios.

Repito, Neste ambiente de atmosfera espiritual elevada, sagrada, magnífica, pura e gloriosa, nosso coração e mente

devem estar unidos, focados e contemplativos desta dimensão espiritual e celestial, acessível somente àqueles que foram redimidos. A palavra de Deus declara claramente a respeito deste lugar celestial em Cristo. A preposição "em Cristo" denota uma distinção, e a percepção espiritual dessa diferença, bem como o desfrute desses lugares celestiais, são experiências reservadas ao cristão verdadeiro. Desconheço se o amado irmão tem a experiência de ser abençoado com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais; contudo, esta é a realidade que deve ser desfrutada diariamente por aqueles que são salvos.

Existe, dentro dessa perspectiva, uma coisa bem lógica que deve ser bem enfatizada, que a redenção é um movimento, ela é um movimento espiritual. Nós saímos das trevas deste século e entramos para a glória, para a luz gloriosa do Evangelho, a uma movimentação, uma peregrinação, a um processo dinâmico, revolucionário, que é feito por etapas, segundo a economia de Deus. Portanto, do nosso chamado ao Evangelho, com a nossa correspondência ao Evangelho, ao nosso arrependimento, a crer em Cristo, a nossa redenção, o novo nascimento, nós estamos em movimento, dia após dia, até que nós possamos chegar até Cristo e contemplá-lo face a face. Portanto, aqui nós temos um princípio espiritual que nós devemos aprender, devemos sempre entender, e isso de forma bem prática, que a nossa vida cristã ela é um movimento espiritual do qual dia após dia nós devemos nos aperfeiçoar para que nós possamos ter esse encontro com o Senhor.

A compreensão de que já fomos agraciados com toda sorte de bênçãos espirituais nos lugares celestiais nos permite entender nossa jornada, nosso caminho, nossa peregrinação, que teve um início e terá um fim. Portanto, um dia desfrutaremos, de forma

literal, desses lugares celestiais em Cristo Jesus, que se manifestarão no novo céu e na nova terra. Essa dinâmica espiritual que menciono é nossa peregrinação na Terra.

Precisamos ter um objetivo, uma meta. Todas as pessoas sensatas, mesmo aquelas que não seguem a fé cristã, possuem um foco. Muitas pessoas se preparam profissionalmente para o futuro. As pessoas têm metas, alvos, procuram um propósito para a vida, desejando viver e trabalhar para alcançá-lo. O cristão também possui um propósito; ele sabe e entende que foi abençoado com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo. Um dia, ele desfrutará plenamente dessas bênçãos, de maneira concreta. Portanto, devemos experimentar e usufruir das conquistas de Jesus, que são apresentadas no Novo Testamento. Jesus deseja compartilhar conosco sua vitória, alcançada a partir de sua encarnação, morte na cruz e ressurreição. Deus, em Cristo, quer compartilhar todas essas vitórias, todas essas bênçãos adquiridas através da cruz do Calvário e da ressurreição, partilhando aquilo que Cristo conquistou por meio de sua obra consumada e perfeita na cruz. Em consonância com o que o apóstolo Paulo expõe na Epístola aos Efésios, somos convidados a contemplar as inescrutáveis riquezas de Cristo. Essas riquezas, de natureza celestial e espiritual, são abundantes.

Através da obra redentora de Cristo no Calvário, somos agraciados com o perdão, a comunhão com Deus e uma vida guiada pelo Espírito Santo.

Desfrutamos da justificação, do selo do Espírito Santo e da promessa da ressurreição em um corpo glorificado. Temos a

esperança do retorno literal de Jesus Cristo, a expectativa dos novos céus e da nova terra, e a perspectiva do mundo vindouro.

Essas esperanças e expectativas representam tesouros espirituais que o cristão, gradualmente e de acordo com a vontade de Deus, experimentará em sua plenitude. Algumas dessas riquezas podem ser desfrutadas no presente, enquanto outras se manifestarão na eternidade.

Para vivenciar plenamente essas bênçãos, é essencial permanecermos ligados a Cristo, o autor e consumador de nossa fé. Isso se concretiza através de uma vida centrada em Cristo, reconhecendo que foi Ele quem, por meio de sua morte e ressurreição, nos concedeu todas as bênçãos espirituais nas esferas celestiais. Diante disso, devemos dedicar atenção constante a Ele, buscando-O incessantemente e direcionando nossas vidas a Ele, que é a fonte de todas as bênçãos.

A vida do povo de Deus, os redimidos, aqueles que foram comprados e purificados pelo sangue de Jesus Cristo, deve ser orientada e conduzida em direção aos lugares celestiais em Cristo Jesus. É ali que encontramos refúgio, a graça diária para resistir às tentações e a esperança para perseverar diante das aflições deste mundo. Fixamos nosso olhar nesses bens espirituais, desfrutando das maravilhosas bênçãos que Jesus Cristo conquistou para nós através do sacrifício da Cruz.

Desejo agora analisar a passagem de Efésios, capítulo 6, versículo 12. Ali, Paulo aborda a temática da batalha espiritual, exortando: "Fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder, para que possais resistir no dia mau". Ele prossegue, afirmando que nossa luta não é contra carne e sangue, mas contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso,

contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestiais. Essa descrição dos lugares celestiais, onde as forças espirituais do mal exercem seu domínio, é relevante. A Bíblia descreve essa esfera como estando fora da presença de Cristo, mas sob o controle de principados e potestades. Diante disso, e considerando a importância dada a essa questão nas Escrituras, torna-se imperativo que atentemos para essa realidade, pois ela exerce grande influência sobre nossa vida espiritual e também sobre o mundo adâmico que esta em consorcio que as entidades espirituais de natureza caída que se encontram nesses lugares celestiais sem Cristo.

Embora seja prudente não atribuir todas as ações negativas e injustiças do mundo à influência direta de entidades demoníacas ou de Satanás, é igualmente importante reconhecer a existência de uma influência maligna, conforme mencionado pelo apóstolo João. Essa influência, representada por principados, potestades e forças espirituais da maldade, atua de maneira eficaz, servindo a Satanás, a quem a Bíblia descreve como o "deus deste século", que cega o entendimento dos que não crêem.

Essa influência maligna manifesta-se em diversas esferas da vida, como na sociedade, na política e na religião. Consequentemente, observamos o aumento da descrença, a intensificação de conflitos, a disseminação de confusão e o surgimento de falsos profetas e doutrinas. A multiplicação da iniquidade, em parte, decorre da ação desses principados e potestades, que exercem sua influência nos lugares celestiais, impactando a sociedade e o mundo.

Os reinos celestiais desprovidos da presença de Cristo se assemelham àqueles domínios terrestres que também carecem da influência santificadora divina. Observamos exemplos em estabelecimentos como bordéis e locais de tráfico de drogas, bem como em lugares onde práticas consideradas demoníacas são realizadas em detrimento da adoração a Deus, em ambientes marcados pela incredulidade.

Afastamo-nos de instituições de grande porte que, em vez de servirem ao reino de Deus, servem ao mal; e de sistemas midiáticos e televisivos que, em certa medida, disseminam a falsidade. Ao contemplarmos esses sistemas, percebemos que eles, de alguma forma, representam uma oposição ao cristianismo, personificando o espírito do erro que prevalece em nosso mundo.

Os reinos celestiais sem Cristo e seus correspondentes terrenos operam em mútua interação. Testemunhamos essa influência e colaboração entre homens e entidades demoníacas de diversas maneiras, inclusive nas Escrituras Sagradas. Tomemos como exemplo o caso dos gadarenos, cuja força descomunal derivava da possessão por espíritos malignos.

Essa interação entre a sociedade, o mundo e esses reinos celestiais desprovidos de Cristo, mas repletos de demônios e espíritos impuros, manifesta-se na sua influência sobre a sociedade, levando-a, por fim, a um estado de perdição.

O apóstolo Paulo expõe esses dois pontos cruciais para nosso entendimento. Em primeiro lugar, somos abençoados com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo Jesus. Em segundo lugar, somos exortados a nos fortalecer, como ele mesmo declara em sua palavra: "Quanto ao mais, irmãos meus,

fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder". Ao vivermos como redimidos neste mundo, necessitamos ser fortalecidos no Senhor e na força do seu poder, pois nossa luta não é contra carne e sangue. Trata-se de uma batalha espiritual, cuja existência é confirmada pelas Escrituras. Existem as regiões celestiais sem Cristo, que atuam ativamente contra a Igreja e os santos do Senhor. Há uma guerra, uma batalha, com o mundo servindo como seu exército, e demônios influenciando a sociedade. Podemos observar isso claramente em Efésios, capítulo 2, versículos 1 e 2, onde os filhos da desobediência estão sob a influência e o controle do espírito deste século, de principados e potestades. Assim, o livro de Efésios revela uma profunda dimensão espiritual, desvendando a realidade por trás das aparências.

Considerando a importância da nossa posição espiritual em Cristo Jesus nos lugares celestiais, devemos também ter consciência do conflito espiritual que nos envolve. Como peregrinos neste mundo, somos influenciados por forças adversas. Embora estas não nos possam prejudicar diretamente, se nossa posição for firmes, como ensina Paulo, que devemos nos fortalecer no Senhor e na força do Seu poder, a nossa presença, como igreja e como redimidos, vai gerar sempre uma reação, pois somos o sal e a luz do mundo, contrastando com as trevas e a corrupção espiritual promovidas pelas forças espirituais da maldade que atuam nos lugares celestiais. Sem compreendermos essa realidade de conflitos e influencias sobre o mundo adâmico, não poderemos compreender com discernimento correto os acontecimentos locais e mundiais a luz da profecia bíblica.

Este confronto constante entre a presença abençoada dos santos, que possuem toda sorte de bênçãos espirituais em Cristo nos lugares celestiais, e a influência maligna das hostes espirituais da maldade, que habitam nos lugares celestiais sem Cristo e exercem domínio sobre grande parte do mundo, constitui uma guerra. Diante dessa realidade, devemos estar atentos aos fatos apresentados na palavra de Deus. O mundo está sob a influencia dos espíritos caídos descritos em Efésios 6:12, o mundo pode não perceber essa influencia por causa de fatores diversos, a cegueira do entendimento impede-os de perceberem esses fatos, mas em passagens como Efésios 2:1 e 2 e II Coríntios 4:4 vimos claramente essa verdade incontestável; o mundo jaz no maligno (I João 5:19)

Diante desses eventos perceptíveis ao coração que eleva-se aos lugares celestiais em Cristo Jesus e que percebem o movimento do espírito do erro atuando neste presente século maligno, devemos nos preparar para assumir nossa posição, revestindo-nos de toda a armadura de Deus. É imperativo estarmos equipados, prontos para o combate, pois estamos envolvidos em uma batalha espiritual. Por isso, devemos nos dedicar à intercessão, à consagração, à vigilância e à sobriedade, conforme o Senhor Jesus nos ensinou, advertiu e exortou em suas mensagens.

Paulo é enfático que devemos nos revestir de toda a armadura de Deus, é uma posição de guerra, há desfrute na presença nos lugares celestiais em Cristo Jesus, há guerra nos lugares celestiais sem Ele. E é maravilhoso que possamos perceber que Cristo tinha uma intima e profunda comunhão com o Pai e esse era seu deleite eterno, mas estava em conflito direto com as potencias

malignas da presente era. O mesmo ocorre com o cristão redimido.

Devemos atentar para esta questão de suma importância: estamos em um conflito. Nele, em Cristo, devemos permanecer firmes, revestidos do Espírito Santo e dotados de discernimento espiritual, a fim de identificar a atuação do inimigo nesta batalha. Precisamos discernir as potestades e forças espirituais da maldade que operam desde as regiões celestiais sobre esse mundo sem a verdade do Evangelho.

Estejamos cientes dessa guerra, desse conflito, e determinados a enfrentá-lo, confrontá-lo, neutralizá-lo e repreendê-lo. Que estejamos espiritualmente aptos a permanecer firmes diante dessa batalha que nos cerca. Apenas os cristãos com uma vida espiritual mais profunda serão capazes de perceber a ação maligna que, freqüentemente, está por trás dos acontecimentos no mundo, tanto nas esferas celestiais quanto na Terra. Os crentes espirituais, aqueles que possuem profundidade em sua fé, que de fato compreendem sua posição celestial em Cristo Jesus, possuem a luz espiritual necessária para perceber a influência maligna dos espíritos imundos e das potestades que atuam nas regiões celestiais sem a presença de Cristo.

Compreenda, prezado, estas duas realidades: por um lado, experimentamos o deleite das bênçãos espirituais nas esferas celestiais; por outro, enfrentamos um constante desafio. Que o amado irmão esteja ciente desses aspectos e que sua jornada terrena seja permeada por oração e vigilância, em todo tempo e lugar, a fim de que estejamos sempre protegidos e conscientes acerca do desfrute de um lado e da batalha de outro.

É por isso que Paulo inicia sua descrição sobre as realidades celestiais em Cristo, demonstrando: "No demais, irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder." Jesus triunfou e assentou-se à direita de Deus como vencedor. E nós devemos também ser participantes dessa vitória, pois estamos em Cristo. Estar em Cristo significa partilhar de sua vitória, de seu triunfo, e de sua posição. Devemos compreender esses fatos, pois elas são doutrinas bíblicas, compreendemos a posição do verdadeiro cristão, a qual devemos manter constante, dia e noite. Amém.

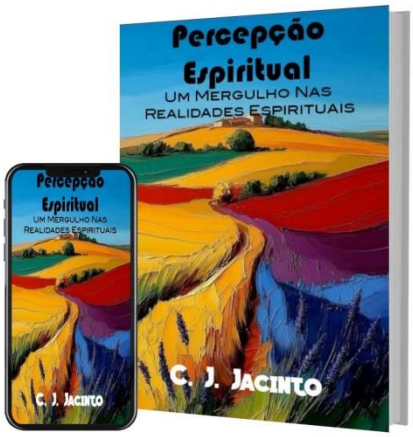
Visite:

www.heresiolandia.blogspot.com

Uma luz em meio a escuridão dos últimos dias

Ofereço gratuitamente outros livretos (em formato eletrônico PDF ou EPUB) gratuitamente:

Pequeno
Tratado Sobre
a Habitação do
Espírito Santo
nos Redimidos
C. J. Jacinto
Pequeno
Tratado Sobre
a Habitação do
Espírito Santo
nos Redimidos
C. J. Jacinto


Percepção
Espiritual
UM MERGULHO NAS
REALIDADES ESPIRITUAIS
C. J. JACINTO
Percepção
Espiritual
UM MERGULHO NAS
REALIDADES ESPIRITUAIS
C. J. JACINTO

Pequeno Tratado Sobre o Corpo Glorificado dos Santos Redimido
C. J. Jacinto
Pequeno Tratado Sobre o Corpo Glorificado dos Santos Redimido
C. J. Jacinto

Pequeno
Tratado
Sobre a
Idolatria
C. J. JACINTO
Pequeno
Tratado
Sobre a
Idolatria
C. J. JACINTO

Lançando
Sobre ELE
Toda a Vossa
Ansiedade
C. J. Jacinto

Peça (48) 999616582

claviojj@gmail.com

Outros livretos disponíveis no DRIVE:

Potestades das Trevas Como é e Como Opera

https://drive.google.com/file/d/1y82sTIya-YQRv9cFchmuC6ijHmJn5Fj-/view?usp=sharing

https://drive.google.com/file/d/1xTB9B59fqjQ2yPBkyWZI4O27d9kq63eO/view?usp=sharing

Acesse

www.heresiolandia.blogspot.com

Artigo edificante e esclarecedor:

https://heresiolandia.blogspot.com/2025/09/cultuando-sentimento-e-idolatrando.html

claviojj@gmail.com
(48) 999616582